

# Educação profissionalizante

*Natanael Guedes de Oliveira \**

A legislação educacional vigente no país afirma que uma das finalidades da educação será o preparo para o trabalho. Essa preparação para o trabalho é o componente básico do processo global de influências dirigidas para determinados fins pré-estabelecidos pelos adultos sobre crianças e adolescentes, pretendendo atuar sobre todas as dimensões humanas. As dimensões humanas são aqui entendidas como um conjunto de possibilidades que cada ser humano possui, como ser racional, para vir a ser um ser humanizado, pois segundo Lênine (1978:67), é o trabalho que humaniza o homem. Esta visão de trabalho como fator de humanização deve dar-se em uma dada sociedade onde não haja a exploração do homem pelo homem.

As várias possibilidades inerentes ao homem, geralmente são agrupadas em ramos, de forma didática, para facilitar a visão antropológica do que é necessário para e como realizar o desenvolvimento de cada uma dessas dimensões, de compreendê-las, dependendo da proposta filosófica que se tenha do ser humano a ser educado.

O homem possui, portanto, cinco dimensões ou ramos de possibilidades e cada uma delas precisa ser bem esclarecida e analisada com detalhes, dado que a educação integral atua sobre todas essas dimensões, apoiada nos princípios de liberdade e solidariedade humanas. As cinco dimensões de que falamos acima são:

a) Sociabilidade: que significa uma disposição dinâmica do homem para conviver no seio de um meio social ou físico, onde nasceu ou onde tenha que viver, por forças das circunstâncias sociais e humanas, como uma espécie de lei social, segundo a qual o homem, em princípio, tem condições de viver em vários meios sociais ou físicos para realizar sua própria vida no mundo. Assim sendo, a educação integral, como processo integralizador no país, teria que criar condições materiais necessárias para que essas possibilidades fossem gradualmente sendo exteriorizadas pelo educando, de forma dinâmica, que importassem em aceitar, recusar ou mudar o ambiente social em que vive, de forma consciente.

b) Informação é a dimensão que consiste na necessidade de se querer e ter ou possuir elementos que permitam a auto-realização, a auto-situação no mundo, tendo como concepção de si mesmo e desse mundo um conhecimento que lhe permita realizar-se em vários meios sociais diferentes. A necessidade de ser e estar informado é desenvolvida à medida que o indivíduo obtém informações. Assim sendo, o objetivo da educação integral é proporcionar ao educando informações sobre a vida e o mundo em que vive. A informação inclui dois momentos importantes e distintos: o patrimônio cultural historicamente construído e o vivenciado no dia-a-dia. O patrimônio cultural inclui todas as aquisições culturais: ciência, técnica, tecnologia, artes, etc.; e o vivenciado é o fazer atual para a construção de um novo patrimônio e, ao mesmo tempo, oferecer condições para que cada indivíduo realize atos e ações que lhe permitam renovar seu patrimônio cultural passo a passo construindo o que ainda não foi construído. A informação está em constante interação com a sociedade na medida em que permite a compreensão do existente e a modificação da realidade do homem e do mundo em que vive.

c) Decisão: é o ânimo interior de expor-se e de assumir o caminho escolhido pelo indivíduo, que é o pressuposto básico de sua liberdade, é uma decisão que envolve o comprometimento do indivíduo com o ato a ser praticado ou não. A decisão, da mais elementar à mais complexa, é o resultado da compreensão da situação em que vive e compreender envolve informações exatas que expressem a verdade, para a tomada da decisão de atuar ou se omitir. A possibilidade de decisão implica informação e pressão social, que é o maior fator que leva à necessidade de capacitar-se para que a sua decisão seja coerente e amadurecida.

d) Produção: é a extensão do ser humano que necessita projetar o seu eu, realizando obras de diversas naturezas para satisfazer suas necessidades fundamentais. Seu eu é exteriorizado nas obras realizadas. Se isso não ocorrer, dá-se a alienação (Arruda, 1994:6). O convívio humano com a realidade circunstante é o fator gerador do que fazer simples ou complexo, material ou

\* Centro de Ciências Sociais e Educação/UEPA

imaterial. A produção é indispensável ao existir humano, pois é a produção que torna o indivíduo humano, na medida em que essa produção atenda às necessidades fundamentais, bem como às secundárias do homem, uma vez que ela significa a auto-expressão humana. A produção é produto do trabalho e só o trabalho conduz o homem à liberdade.

e) Auto-Realização: é uma possibilidade facilmente compreensível, porque é a própria realização do eu. Afirmar-se como homem e como pessoa significa construir sua própria vida, é auto-determinar-se à medida que o homem conhece a si mesmo, identificando seus limites e construindo suas aspirações, buscando os caminhos para atingi-los.

As cinco dimensões humanas acima especificadas devem desenvolver-se harmoniosamente, pois todas elas convergem para a auto-realização do indivíduo.

A educação integral deve proporcionar o desenvolvimento de todas as dimensões do homem, sem prejuízo de nenhuma delas. Se uma dessas possibilidades for negligenciada, significa falha na educação integral, um prejuízo irreparável ao educando.

A educação só pode ser entendida dentro dos parâmetros acima traçados como componentes da formação integral do homem, sem o que dar-se-à algum tipo de atrofia que implicará em prejuízos incalculáveis e imprevisíveis para o homem como cidadão consciente de seu papel social e implicará danos e comprometimento para sua felicidade.

Dentro destas perspectivas é que desenvolvemos este trabalho, buscando os caminhos para a materialização da teoria da pedagogia do trabalho, dentro dos "dispositivos legais" vigentes no país.

Se a educação profissionalizante ministrada nas escolas brasileiras não atender aos parâmetros das cinco dimensões humanas acima mencionadas, é evidente que tais estabelecimentos de ensino não estão praticando a educação integral, estão blefando e é aí que reside a maior densidade dos problemas da educação brasileira "voltada para a preparação para o trabalho". O blefe começa no discurso das autoridades políticas e educacionais quando afirmam que a educação "é prioridade de seus governos". No entanto, a realidade é bem outra: a educação se debate com problemas de ordem primária como a falta de verbas, de materiais didáticos e até mesmo de espaço físico, pois as escolas são precárias, mal aparelhadas, sem as mínimas condições estruturais para o seu funcionamento. É tão degradante e o estado da educação no Brasil e no Pará que às vezes, para os governos recuperarem escolas, é necessário que os alunos promovam interdição de ruas, façam passeatas, atos públicos e outros tipos de manifestações de protesto, para que tais "autoridades" providenciem a recuperação das escolas. Por outro lado, o corpo docente da escola carece de atualização, especialização e até mesmo capacitação; os salários são injustos, defasados, indig-

nos para um profissional do magistério. Isto tudo provoca um baixo nível de ensino, improvisações que ocasionam evasão, repetência, apatia pela educação, descrença na educação como mecanismo que deverá preparar o cidadão para a vida e para o trabalho, para a auto-realização, para alcançar a felicidade.

As mazelas que atingem a educação são tão degradantes que produzem uma geração de analfabetos funcionais e uma legião de pessoas que nunca foram à escola e têm como resultado a marginalização, o banditismo e a violência que se tornaram a constante nos dias atuais.

A lei brasileira que normatiza a educação, destaca como objetivo básico a preparação para o trabalho, mas a literatura educacional de que dispomos é pobre no que diz respeito à função educativa do trabalho. Isto porque no modo de produção capitalista, o trabalho é visto como um dever, como uma obrigação, aureolado pela ideologia da classe dominante como um ato sagrado. São famosos os aforismos a respeito do trabalho, como por exemplo: "O trabalho dignifica o homem"; "Na casa do bom homem, quem não trabalha, não come"; "Deus ajuda a quem cedo madruga". Tudo isso para encobrir a exploração do trabalhador pelo patrão, sua alienação, sua submissão ao jugo da acumulação capitalista que se dá de modo selvagem, indigno, desumano.

Incessantemente os jovens são chamados a opinarem sobre drogas, erotismo, violência, comportamento, contudo, são muito pouco interrogados sobre o que pensam sobre o trabalho, sobre a sua existência no futuro como trabalhadores, produtores da riqueza do país. Quando temos que escrever sobre a juventude brasileira e, em particular, sobre suas esperanças e expectativas, suas esperanças e juízos, é espantoso verificarmos o ínfimo lugar dispensado ao que essa juventude pensa sobre o trabalho, suas formas e técnicas e sua função educativa. A literatura que fala das profissões destaca apenas aquelas que são do ramo tecnológico e que, por consequência, são as bem mais remuneradas e esquece, ou dá menor importância, às profissões de caráter manual. Ouve-se sempre de professores despreparados, quando se deparam com alunos desinteressados, expressões como esta: "Você deve estudar, pois se não o fizer, irá trabalhar no pesado", o que demonstra claramente o desprezo pelo trabalho manual, pois ele é mal remunerado. O trabalho intelectual, pelo contrário, é exaltado, louvado e enaltecido como atividade de quem se "esforçou" e conseguiu diplomar-se em alguma profissão "nobre".

A ideologia da classe dominante procurou inculcar na mente da juventude a idéia de que todas as profissões são iguais e que o trabalho enobrece as pessoas. Tudo se passa como se a obrigação de trabalhar fosse de tal maneira natural como o respirar ou alimentar-se, permanecendo por essência, estranha a qualquer evolução cultural, própria somente do homem na sua manifesta-

ção de desvelamento. Tudo se passa como se uma verdadeira conspiração de interesses e idéias se esforçasse por retirar todo o significado global das manifestações tão diferentes como a revolta dos trabalhadores que operam as máquinas e passam horas seguidas repetindo gestos mecânicos, o crescente desinteresse dos jovens por certas tarefas ou até mesmo de toda atividade laboral, o aparecimento de novas atividades juvenis anticarriéristas, o aparecimento de novas atividades alternativas de garantir a sobrevivência e até mesmo o retorno artesanal de atividades consideradas superadas. Mas parece-nos que tudo isso se passa, porque a educação integral falhou e a politecnicidade é incompatível com o modo de produção capitalista, onde o indivíduo é levado propositalmente à alienação, perdendo o controle sobre o produto que fabrica através da produção em série.

A função educativa do trabalho, como componente da educação integral, tal como deve ser entendida e executada na escola do trabalho, ocupa um lugar relevante nos projetos de atualização pedagógica e nos projetos de educação alternativa em moda hoje no país. É

necessário notar que a inclusão do trabalho como componente curricular é uma iniciativa fundamental para tornar a educação uma atividade humana que contribua para a auto-realização do homem e atenda também à demanda do desenvolvimento de qualquer sociedade.

Justifica-se a introdução das funções educativas do trabalho na escola na perspectiva de que a criança, o adolescente e o jovem de todas as camadas sociais, dedicados a resolver os problemas da vida e alegrar-se com os resultados obtidos nas disciplinas tradicionais, serão induzidos a terem a mesma satisfação na experiência com a manipulação, construção e invenção de objetos e manufaturas dentro da mesma experiência escolar e deverão ir formando desde a infância, uma mentalidade aberta que resista às tradicionais sugestões de um dualismo entre o estudo “como coisa nobre e difícil” que só os mais bem dotados de inteligência podem dominar, e o trabalho “como atividade inferior” destinado aos que não tiveram sucesso escolar, estigma este herdado da forma de trabalho escravo que perdurou no Brasil até o final do século XIX.